

Vânia Pedro\*

## A formação do etnoespaço Makonde<sup>1</sup> no bairro PSK<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo examina como é que se formou o etnoespaço Makonde no bairro Paulo Samuel Kankhomba (PSK), no distrito de Boane, sul de Moçambique. Os resultados aqui apresentados resultam de uma pesquisa etnográfica de cerca de 12 meses, combinada com a revisão da literatura, a pesquisa de arquivo, as entrevistas semiestruturadas e as conversas informais. Os resultados sugerem que para compreender como o bairro se tornou num etnoespaço Makonde é necessário antes de mais entender o motivo do deslocamento da sua terra de origem e a sua fixação no bairro PSK, visto ele ter ocorrido no contexto do destacamento pelo Governo no pós-independência de pessoas dessa e mais etnias para várias partes do país. Contrariamente às correntes teóricas que defendem que as pessoas que migram ou se deslocam abandonam por completo as práticas culturais do contexto de origem, a minha pesquisa mostra que pelo facto de os Makonde serem orgulhosos das suas práticas culturais e a sua socialização ser muito virada à comunidade, os ritos, assim como as performances de mapiko, constituem um período de grande festa e pomposidade. Nesse sentido, concluo que as práticas culturais dos Makonde fazem parte da paisagem sociocultural do bairro e influenciam na forma como ele é conhecido e visto pelas pessoas dentro e fora do mesmo, pois as pessoas quando se deslocam ou migram dos seus contextos de origem não são apenas influenciadas

---

<sup>1</sup> Laranjeira (2016:6), refere que adopta na sua tese de doutoramento a grafia Makonde comumente usada pela população e pelo Estado moçambicano. Essa grafia é diferente da presente na documentação e nas publicações portuguesas, citadas ao longo da sua tese. Laranjeira refere ainda que escolheu adoptar o etnónimo Makonde no minúsculo e no singular à caracterização dessa população e no plural quando se refere aos indivíduos que se identificam como tal. Utilizo a grafia Makonde ao invés de Maconde pelos motivos avançados por Laranjeira (2016), mas também porque existe um dicionário de padronização da ortografia das línguas moçambicanas (Cfr. Ngunga, A& Faquir Osvaldo. 2012. *Padronização da ortografia de Línguas Moçambicanas*. Relatório do III seminário. Maputo: Coleção as nossas línguas III, Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane) que postula que a palavra deve ser escrita com a letra “k” e não com a letra “c”. Nos casos em que os autores citados escreveram Maconde e não Makonde, mantenho a grafia por eles utilizada. Quando me refiro aos Makonde não o faço assumindo que são homogêneos, pois assim os conceber significa os essencializar e como diz Brubaker (2002: 164), o grupismo consiste na tendência de tomar grupos discretos, nitidamente diferenciados, internamente homogêneos e delimitados externamente como constituintes básicos da vida social, protagonistas de conflitos sociais e unidades fundamentais de análise social. Outrossim, o autor afirma que significa reificar esses grupos, falando de sérvios, croatas, muçulmanos e albaneses na ex-Iugoslávia, de católicos e protestantes na Irlanda do Norte, de judeus e palestinos em Israel e os territórios ocupados, de turcos e curdos na Turquia, ou de negros, brancos, asiáticos, hispânicos e nativos americanos nos EUA, como se fossem grupos internamente homogêneos, delimitados externamente, actores coletivos unitários com propósitos comuns. Por outras palavras significa uma tendência de representar o mundo social e cultural como um mosaico multicrômico de blocos étnicos, raciais ou culturais monocromáticos.

<sup>2</sup> Paulo Samuel Kankhomba, tido como um dos heróis da luta armada de libertação nacional. Paulo Samuel Kankhomba nasceu no dia 18 de Agosto de 1938, no Posto Administrativo de Cóbue, distrito do Lago na província do Niassa, norte de Moçambique. Em Setembro de 1963 ingressou nas fileiras da FRELIMO, na Tanzânia. No decurso da luta armada assumiu o posto de Comissário político na província de Cabo Delgado. Em Novembro de 1966, tornou-se Chefe das Operações em Cabo Delgado. Durante a 2ª sessão ordinária do Comité Central da FRELIMO, realizada em 1968 em Mtwara, na Tanzânia, Kankhomba foi eleito Chefe Nacional Adjunto da Secção das Operações do Departamento de Defesa. A sua morte é vista como corolário da luta interna entre as duas alas que surgiram no seio da FRELIMO. Paulo Kankhomba faleceu assassinado a 22 de Dezembro de 1968, alegadamente por ordem de Lázaro Nkavandame, tido como traidor Makonde (Dove et al., 2015: 68-121).

pelo contexto de chegada, mas também o influenciam na sua interação quotidiana gerando hibridismo, choques culturais, conflitos ou solidariedade.

**Palavras-chave:** Makonde, etnoespaço, PSK, práticas culturais.

### **Abstract**

This article examines how the Makonde ethnospace was formed in the Paulo Samuel Kankhomba neighborhood (PSK), in the Boane district, southern Mozambique. The results presented here are the result of an ethnographic research of about 12 months, combined with a literature review, archival research, semi-structured interviews and informal conversations. The results suggest that in order to understand how the neighborhood became a Makonde ethnospace, it is first necessary to understand the reason for the displacement from their homeland and their settlement in the PSK neighborhood, since it occurred in the context of the detachment by the Government in the post-independence period of people from this and more ethnic groups to various parts of the country. Contrary to theoretical currents that argue that people who migrate or move completely abandon the cultural practices of the context of origin, my research shows that because the Makonde are proud of their cultural practices and their socialization is very community-oriented, the initiation rites, as well as the mapiko performances, constitute a period of great celebration and pomposity. In this sense, I conclude that the cultural practices of the Makonde are part of the sociocultural landscape of the neighborhood and influence the way it is known and seen by people inside and outside it, because when people move or migrate from their contexts of origin, they are not only influenced by the context of arrival, but also influence it in their daily interaction, generating hybridity, cultural clashes, conflicts or solidarity.

**Keywords:** Makonde, ethnospace, PSK, cultural practices.

## **1. Introdução**

As migrações e os deslocamentos forçados ou voluntários<sup>3</sup> ocorrem desde muito tempo e fazem com que os migrantes procurem adaptar-se aos contextos de chegada. Segundo Salazar (2010), ao longo da história, as pessoas percorreram grandes distâncias, envolvendo-se em redes complexas de intercâmbios culturais e criando identificações transculturais. De acordo com Colson (2003, p.1), o deslocamento não afecta apenas aos desenraizados, mas também as comunidades que sentem o impacto de sua chegada, os governos e as agências internacionais que desempenham cada vez mais um papel importante no enfrentamento do deslocamento. O desenraizamento e o movimento para novas comunidades envolvem processos como rotulagem, gestão de identidade, criação e manutenção de limites, gestão de reciprocidade, manipulação de mitos e formas de controle social.

---

<sup>3</sup> Sobre a definição e distinção desses conceitos, ver Basham (1978), Colson (2003) e Da Silva (2018).

Alguns autores como Parsons (1968) e Parsons (1969) afirmam que os laços de parentesco e outros laços de solidariedade primária perdem o seu poder normativo sobre os indivíduos devido às características do meio urbano. Greenblatt (2009, p.5) citado por Salazar (2010, p.55) afirma que uma sensação de “estar em casa” é muitas vezes considerada a condição necessária para uma identidade cultural robusta, mas “mesmo em lugares que à primeira vista são caracterizados mais pela homogeneidade e estase do que pelo pluralismo e mudança, os circuitos culturais que facilitam o movimento estão em trabalho. Pode-se, portanto, argumentar que as próprias culturas são o produto de uma ampla variedade de processos de troca que atravessam fronteiras, processos que também desencadearam movimentos contrários e levaram a um aumento da diferença cultural manifestada (Salazar 2010, p.55).

Appadurai (1990) faz notar que à medida que grupos migram, se reagrupam em novos locais, reconstróem suas histórias e reconfiguram os seus projectos étnicos. Por vezes, alguns migrantes formam etnoespaços nos locais de chegada através das práticas culturais do seu contexto de origem, contrariando a perspectiva de Parsons acima enunciada. Carmona (2009, p.47) define etnoespaços como áreas habitadas maioritariamente por grupos étnicos específicos. Por seu turno Ndlovu-Gatsheni (2008, p.173) afirma que se entende por etnoespaço um local em que a política de identidade está sendo desenvolvida. Ainda segundo este autor, o conceito de etnoespaço encapsula vários processos históricos interligados e sobrepostos que se aglutinaram dentro de um espaço sociohistórico particular habitado por grupos diferenciados de pessoas para formar identidades sociais maiores e duráveis como a Ndebele ou Shona que continuam a ser redefinidas, remodeladas reconstruídas, assim como contestadas ao longo do tempo.

Neste artigo olho para os etnoespaços a partir da perspectiva proposta por Ndlovu-Gatsheni, pois, considero que a perspectiva proposta por Carmona é insuficiente para apelidar certo local de etnoespaço, pois considero que não é o número que dita se determinado local será um etnoespaço ou não, mas sim a força que os actores sociais têm para chamar para si uma certa qualidade e fazer com que ela lhes seja reconhecida pelos “outros”. Por exemplo, os meus interlocutores, os Makonde que vivem no bairro PSK<sup>4</sup> não são a maioria no bairro, mas a sua presença é indubitavelmente visível e reconhecida por eles e pelas pessoas de outras etnias por conta das

---

<sup>4</sup> Bairro situado no município e distrito de Boane.

políticas de identidade<sup>5</sup> que eles mobilizam e visibilizam (mais adiante explicarei como é que o bairro PSK se constituiu num etnoespaço Makonde).

Este artigo resulta de uma pesquisa de campo que durou 12 meses e culminou com a tese de doutoramento intitulada “Somos moçambicanos, mas antes Makonde: dinâmicas de etnicidade e identidade nacional no bairro PSK, distrito de Boane, sul de Moçambique”. Metodologicamente, a pesquisa foi guiada pela abordagem etnográfica e utilizou como técnicas de pesquisa as entrevistas semiestruturadas, conversas informais, a revisão bibliográfica e a pesquisa de arquivo.

Este artigo examina a formação do etnoespaço Makonde no bairro PSK em articulação com o destacamento pelo governo de indivíduos desse grupo etnolinguístico para várias partes do país no pós-independência. Igualmente, exploro como é que o bairro se tornou foi um etnoespaço Makonde e que factores é que contribuem para esse facto.

Argumento que o facto de os Makonde serem orgulhosos das suas práticas culturais e a sua socialização ser muito virada à comunidade, os ritos, assim como as performances de mapiko, constituem um período de grande festa, pomposidade e de assistência por muitas pessoas, mesmo as que não são do seu grupo etnolinguístico. O que faz do bairro um etnoespaço Makonde não é o facto de eles viverem lá, mas sim o facto de as suas práticas serem já consideradas uma marca daquele espaço, na medida em que as pessoas do bairro, independentemente da sua etnia já sabem quando é que ocorrem os ritos, as performances de Mapiko e participarem dos momentos que são permitidos a qualquer pessoa assistir. As práticas culturais dos Makonde fazem parte da paisagem sociocultural do bairro e influenciam na forma como ele é conhecido e visto pelas pessoas dentro e fora do bairro.

## **2. Enquadramento teórico sobre a etnicidade**

Duas correntes teóricas dicotómicas se destacaram no estudo da etnicidade: o primordialismo (essencialismo) e o construtivismo (instrumentalismo ou situacionalismo). Segundo Wimmer (2008, p.971), o “primordialismo” sublinhou que a filiação étnica foi adquirida através do nascimento e, portanto, representa uma característica “dada” do mundo social e foi confrontado

---

<sup>5</sup> As políticas da identidade são aqui entendidas como a proactividade com que um certo grupo trabalha para o seu reconhecimento legal e social (Diamond, 2012:64).

com o “instrumentalismo”, que sustentava que os indivíduos escolhem entre várias identidades de acordo com o interesse próprio. “Essencialismo” se opunha ao “situacionalismo”, o primeiro privilegiando a transcontextual estabilidade virtual proporcionada pelas culturas étnicas, enquanto as últimas mostraram como os indivíduos se identificam com diferentes categorias étnicas, dependendo da lógica da situação.

O trabalho de Barth (1969), tido como pai do construtivismo, inaugurou uma nova tendência no estudo da etnicidade, da etnia e dos grupos étnicos, se distanciando da visão essencialista até então em voga na antropologia. Segundo o autor, os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação dos próprios actores sociais e como tal têm o condão de organizar a interação entre as pessoas. Ainda segundo Barth, a definição básica utilizada até então por muitos antropólogos para caracterizar os grupos étnicos como a igualdade de raça, cultura, língua e sociedade que rejeita e discrimina os outros, necessita ser retrabalhada, na medida que fornece um tipo ideal que não se adequa a certos contextos e oferece uma visão pré-concebida do que seria significativo para esses grupos (Barth, 1969, p. 11).

Linnekin & Poyer (1990) na introdução da obra *Cultural Identity and Ethnicity in the Pacific* consideram que tanto a teoria primordialista, assim como a instrumentalista, não conseguem captar o ponto de vista dos “pesquisados” sobre o modo como eles se autoidentificam e se diferenciam dos demais. Como alternativa, Linnekin & Poyer (1990) propõem uma síntese moderna em que se tenta incorporar contribuições tanto do primordialismo, como do instrumentalismo, adoptando uma teoria semiótica a casos etnográficos. No meu entender, a aplicação da teoria semiótica aos casos etnográficos implica, tal como diz Cohen (1994, p.29), não olhar para o indivíduo como réplica da sociedade ou sua miniatura, mas começar por prestar atenção à forma como as pessoas reflectem sobre si mesmas e ver como é que tais reflexões são indicativas do contexto sociocultural ou querer que tal contextualização seja inteligível para nós. Nesse sentido, a ideia de *self* em Goffman (1993) precisa ser accionada para se perceber o *self* como um actor que em função da situação activa uma faceta do seu eu.

Cohen (1994, p.68) argumenta que os indivíduos têm consciência da sua diferença, das suas identidades distintivas, mesmo se essas são mascaradas pelas etiquetas sociais de estereótipo,

ortodoxia, categoria ou identidade colectivamente imposta. Na mesma linha de Cohen (1994), Sokefeld (1999) afirma que na contemporaneidade, os textos sobre as identidades mostram que esta não é tratada no singular, mas como algo fragmentado, essencialmente fluído e plural. Para Sokefeld não se pode abordar a pluralidade das identidades sem fazer referência ao *self*. Eriksen (2001, p.47) considera que é necessário entender as identidades sociais de modo fenomenológico, ou seja, a partir das experiências dos indivíduos. Nesse sentido, importa procurar perceber o que é a etnicidade para os indivíduos, como é que a vivenciam, como é que as suas várias identidades se articulam e que aspectos consideram mais importantes para si.

Certos autores como Lentz (1995), Lentz (2000), Lentz (2001), Eriksen (2001), e Keese (2010) mostram que os primeiros estudos sobre a etnicidade em África adoptaram uma abordagem essencialista ou primordialista. Um marco significativo para a mudança de paradigma no que toca aos estudos sobre a etnicidade em África foi a obra *Au couer de l'ethnie, tribalisme et État en Afrique*<sup>6</sup>, editada pela primeira vez em 1985, coordenada por Jean-Loup Amselle e Elikia M'Bokolo. Na obra, os autores procuram desconstruir a noção de etnia nos termos da situação africana, combinando análises de âmbito geral e estudos de caso e concluem que em África foi criação colonial e que antes da colonização havia diversos tipos de lealdades, relações e interações sociais que nada tinham a ver com a sua categorização em grupos étnicos. Jean-Loup Amselle no seu artigo inserido na obra, afirma que a origem das etnias reside na acção colonial que ao almejar a territorialização do continente africano dividiu as entidades étnicas, posteriormente reapropriadas pelas populações. Amselle refere ainda que, as etnias foram uma criação colonial e é importante identificar em que moldes os actores sociais se organizavam antes da colonização e apresenta quatro espaços pré-coloniais, nomeadamente: espaços de troca, espaços estatais, políticos e de guerra, espaços linguísticos e espaços culturais e religiosos. A identificação de tais espaços, apenas é possível se se aceitar a proposta de Lentz (1995, p.323-324), segundo a qual a etnicidade apenas pode ser estudada através de uma perspectiva histórica. Numa obra de 2001, Carola Lentz especifica mais essa sua ideia, afirmando o seguinte: *a etnicidade é acima de tudo um problema que precisa de uma abordagem histórica, mas aquela que quebra com a barreira epistemológica entre o período pré-colonial e o colonial (...). Por outro lado, essa abordagem pode prevenir*

---

<sup>6</sup> Pelos Meandros da Etnia: Etnias, Tribalismo e Estado em África. Tradução feita a partir da versão portuguesa de 2014 da Edições Pedagogo.

*contra a mais simples aplicação da abordagem instrumentalista. Ao lançar luz no modo como as etnicidades se articulam com outros idiomas da identidade colectiva pode se investigar o escopo, assim como os limites da criatividade cultural e política* (Lentz, 2001, p.6).

Outra obra relevante para a reconfiguração dos estudos da etnicidade e dos grupos étnicos é a invenção das tradições editada em 1994, da autoria de Eric Hobsbawm e Terrence Ranger. Nela, os autores mostram que certas tradições foram inventadas na Europa e transportadas para outros contextos, como o africano. Os governos coloniais criaram algumas tradições ou entidades como as etnias para alcançarem os seus objectivos. Os autores mostram ainda que tais tradições apesar de inventadas ou criadas na Europa também eram exteriores ou estranhas ao contexto europeu. Nesse sentido e de certo modo estes autores concordam com o posicionamento de Amselle & M'Bokolo (2014) quando afirmam que as etnias foram uma criação colonial.

Amselle (1990), Amselle (2014); Lentz (1995), Lentz (2000) e Keese (2010) mostram que os estudos mais recentes têm enfatizado que a etnicidade é um conceito que pode coexistir e se sobrepor a outros marcadores de identidade grupal. Keese (2010, p.23), por exemplo, refere que essas solidariedades paralelas podem responder como princípios orientadores a situações fundamentalmente distintas da experiência do grupo. Este é particularmente o caso da religião, mas também é válido para o parentesco, solidariedade de clãs e política de linhagem. Em algumas áreas da África Subsaariana, a religião tem agido como principal definidor da coesão de grupos e é muito abertamente utilizada em conflitos do que a afiliação étnica. Nesse sentido, os pesquisadores podem ter que levar em consideração e mais profundamente a existência paralela de diferentes categorias que podem coexistir com os grupos étnicos ou que possam fazer parte da identidade étnica. Por seu turno Lynch (2006b) apud Balaton-Chrimes (2015, p. 144) afirma que a etnia como uma categoria de identidade e grupo social é particularmente adequada do tipo da flexibilidade necessária para operar na paisagem social, política e económica em rápida mudança no continente africano. Embora se baseie em memórias e histórias orais e escritas, bem como em tradições culturais, a etnicidade pode se expandir, se contrair e se transformar em diferentes circunstâncias, dependendo da utilidade das opções disponíveis.

Neste artigo utilizo a visão de etnicidade proposta por Lentz (1995), Lentz (2000), Lentz (2001),

Eriksen (2001), Keese (2010) e Amselle (2014), pois permite fugir à conceptualização rígida e estanque advogada pelos dois grupos de teorias explicativas sobre a etnicidade e olhar para ela de forma processual, contextual e em contínua transformação.

### **3. Breve história sobre os Makonde**

Os Makonde são um povo de África oriental, descendentes dos originários povos Bantu (Roseiro, 2013). Existem duas prováveis explicações para que os Makonde habitem nos planaltos, nomeadamente: uma de ordem mais estratégica e, outra, de ordem mais natural. A de ordem mais estratégica tem a ver com a necessidade que os Makonde sentiam de se proteger do tráfico de escravos, que era muito comum por volta do século XIX na sua região. De acordo com os relatos orais coletados por West (2004, p. 24), nenhum assentamento foi excluído do comércio de escravos, seja como vítimas ou como agressores. Por conta desta resistência e ataque dos Makonde no contexto do tráfico de escravos eles foram retratados na literatura de viagem como *mavia*, *mabiha*, *mawia* que significa colérico, irascível ou violento. Nalguma literatura científica, como por exemplo, Israel (2006), também são retratados como pessoas cheias de bravura, insubmissas e que são aversas à dominação. A segunda razão, de ordem mais natural, prende-se com o facto de os Makonde terem buscado terras férteis para a sua subsistência. Os antepassados dos Makonde praticaram êxodo à procura de zonas ecúmenas<sup>78</sup>. Eles viviam à sul do lago Niassa e foram fixar-se no vale do Rovuma, situando-se nas baixas, Entre-Os-Rios Lugenda e Rovuma. Segundo Dias (1998), tais antepassados viveram nas baixas dos dois rios até que a seca ocorreu. A seca perdurou e os sobreviventes começaram a praticar antropofagia. Por conta desse cenário, os sobreviventes dividiram-se em pequenos grupos e procuraram salvar-se, indo em busca de terras férteis.

Apesar de “originalmente”, os Makonde viverem nos planaltos, actualmente eles não habitam só nesses lugares, pois podem ser encontrados nas onze províncias de Moçambique e em alguns países como Tanzânia, Quênia e Angola.

Politicamente, os Makonde são heterogêneos e culturalmente homogêneos. Dias (1998, p.83) afirma que quando se conversava com algum makonde idoso sobre a origem do seu povo, ou dizia que não sabia nada, ou falava sobre a origem e tradição da sua família. Isso deve-se ao facto de

---

<sup>8</sup> Termo utilizado em geografia para designar regiões favoráveis para a habitação humana.



cada povoação ser uma unidade política independente, principal centro de seus interesses, eles pouco sabiam além do que lhes diz directamente respeito. Conhecem com bastante pormenor a vida das povoações que pertencem à mesma matrilinearidade (*likola*), porque se consideram parentes próximos e provenientes de uma antepassada comum. Segundo Roseiro (2013, p.54), o indivíduo makonde é dotado de uma consciência perfeita de comunidade, de cultura e das suas relações com outras culturas aparentadas, porque quando usam a palavra *likola*, o fazem para designarem povo em sentido restrito que equivale a matrilinearidade ou linhagem materna. Alguns autores como Osório & Macuácuá (2013) e Arnfred (2015) mostram que por conta desse grande sentido comunitário que os Makonde têm, os seus ritos são de grande importância e visibilidade pois ocorre entre eles uma socialização colectiva e muito orientada para a comunidade, razão pela qual, como avança Cossa (2014), submeter os filhos aos ritos de iniciação é honroso para os pais que o fazem e desonroso para os que não tenham condições para fazê-lo, visto todo o processo de iniciação implicar gastos desde à inscrição dos iniciandos pelas suas famílias até ao dia em que estes são formalmente apresentados em apoteose à toda a comunidade.

#### **4. A constituição do bairro PSK**

Carmona (2009, p.50) afirma que no âmbito do combate ao tribalismo, racismo e regionalismo, no pós-independência, o governo moçambicano preconizava a unidade nacional e nesse sentido, dinamizava a afectação de funcionários de modo a assegurar a almejada unidade nacional. Segundo a autora, é a partir daí que muitos funcionários foram enquadrados em regiões ou províncias diferentes das suas áreas de origem e, em alguns casos, em grupos étnicos diferentes do seu. Laranjeira (2013) sem indicar os contornos ou as dinâmicas de fixação dos Makonde no bairro militar da cidade de Maputo mostra que este também acolheu pessoas dessa etnia, mas diferentemente de Carmona, faz notar que a maioria dos Makonde que vivem na zona militar da cidade de Maputo são militares. Na mesma linha de Carmona, Osório & Macuácuá (2013, p.197), referem que foi pela movimentação sociodemográfica no país desde 1975 que se assistiu a uma deslocação massiva de populações e pessoas anteriormente estabelecidas pela administração colonial, por força de objectivos políticos e socioeconómicos, criando-se etnoespaços. Segundo estes autores, é o que faz com que em Nampula, cidade tipicamente habitada pelos Makhuwa, haja presença representativa de outras etnias como a Makonde, mormente antigos militares, facto que também sucede no ex-bairro militar da cidade de Maputo.

À semelhança da constatação de Laranjeira (2013) e de Osório & Macuácuá (2013) sobre a profissão dos Makonde residentes no bairro Militar na cidade de Maputo, o meu estudo junto dos Makonde no bairro PSK no distrito de Boane, província de Maputo, também constatou que os Makonde de 1ª geração<sup>9</sup> e alguns dos seus descendentes também são mormente militares.

Como Carmona acima citada mostra, a fixação dos Makonde em várias partes do país, incluindo no bairro PSK, insere-se no quadro das directivas instituídas pelo governo moçambicano no pós-independência, mas os resultados da minha pesquisa permitem constatar algumas nuances na formação do bairro PSK e no seu povoamento por Makonde, diferentes das que ela evoca no caso dos Makonde fixados na cidade de Nampula, no norte de Moçambique.

Depois da independência o partido-Estado FRELIMO emitiu uma série de directivas para os diversos sectores da sociedade, incluindo para o exército. Dirigindo palavra de ordem aos cadetes por ocasião do primeiro curso da escola militar de quadros, o presidente Samora Machel<sup>10</sup> afirmou que o exército da FRELIMO para além de outras coisas devia continuar<sup>11</sup> a ser um centro de produção que à semelhança do passado produz para a sua subsistência, que ajuda as populações a melhorar as suas condições de vida e a conhecer novos métodos de produção de novas culturas<sup>12</sup>. Apesar dessas directivas relativas a eles, alguns militares de patente baixa ficaram abandonados e em algumas ocasiões demonstraram a sua insatisfação<sup>13</sup>. Face a esse descontentamento e decorrente do pedido que fizeram ao governo para se engajarem em actividades produtivas, o governo moçambicano formou em todo o país alguns centros de combatentes da luta armada

---

<sup>9</sup> Os primeiros e Makonde mais velhos. Importa referir que alguns destes têm filhos que também se tornaram militares e estão no activo.

<sup>10</sup> Primeiro presidente de Moçambique no período entre 1975 (ano de proclamação da independência nacional) a 1986 (ano da sua morte na sequência do despenhamento do avião presidencial moçambicano na região de Mbuluzi na República da África do Sul).

<sup>11</sup> Durante a luta armada contra o colonialismo português, algumas áreas foram ficando livres do governo colonial, razão pela qual foram designadas de zonas libertadas. Nestas, o povo e o exército praticavam algumas actividades para a sua subsistência, incluindo a agricultura.

<sup>12</sup> Mensagem do presidente Samora Machel ao povo moçambicano por ocasião da tomada de posse do Governo de Transição a 20 de setembro de 1974.

<sup>13</sup> Os antigos combatentes reunidos com o presidente da FRELIMO e do país Samora Machel na cidade da Beira em 1982, manifestaram a sua preocupação relativamente a alguns assuntos, tais como: a sua situação social e económica, pedindo que se organizasse as condições para que pudessem produzir, composição e métodos de direcção no Estado e governo, o funcionamento do partido, os critérios de admissão de membros e questões relacionadas com a organização do combate aos bandos armados (Jornal Notícias de 10 e 11 de Junho de 1982).

também conhecidos por aldeias ou bairros. A designação aldeias deriva do facto de a sua composição, estrutura e funcionamento recordar e ter se inspirado nas aldeias comunais<sup>14</sup> que existiram na Tanzânia e na Argélia. O bairro PSK é uma dessas aldeias onde os combatentes da luta armada foram colocados. A PSK não constituiu uma experiência singular. Existiam em todo o país 13 centros do género, sendo os mais antigos os de Mocímboa da Praia (Magaia<sup>15</sup>) na província de Cabo Delgado e o de Estangano, na província de Tete. É dentro do quadro acima narrado que deve ser vista e analisada a chegada e fixação dos Makonde na PSK. Eles não se fixaram lá inicialmente por vontade própria, mas porque cumpriam ordens do governo.

O povoamento da PSK foi feito em três momentos. Foi no primeiro momento de povoamento que os Makonde se fixaram na PSK. Não se pode dissociar a sua chegada e fixação na PSK da chegada dos veteranos de outros grupos etnolinguísticos. Segundo Israel (2006, p.118), o destacamento de antigos combatentes nesses centros, bairros ou aldeias visava gerar uma função dinamizadora. Ao colocar os veteranos da luta armada espalhados por todo o país, o governo do pós-independência esperava que estes expusessem aos ideais da FRELIMO<sup>16</sup>, às pessoas que não tinham tido essa oportunidade durante a luta de libertação nacional. Igualmente, com essa medida, o governo visava evitar a concentração de pessoal com treinamento militar num só sítio para evitar a possibilidade de acontecerem golpes de Estado (Israel 2006, p.118). Durante o meu trabalho de campo alguns dos meus interlocutores que são veteranos da luta armada de libertação nacional afirmaram que para além dessas duas razões evocadas por Israel (2006), foram destacados para o bairro PSK como reserva estratégica do Estado, caso fosse necessário defender a soberania do país, tal como aconteceu aquando da chamada guerra civil entre o governo e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) que durou cerca de 16 anos (1976-1992). Os veteranos que residem no bairro dizem

---

<sup>14</sup> As aldeias comunais poderiam surgir de cinco formas, nomeadamente: por determinação política de criação das aldeias comunais, por reassentamento ou acolhimento de populações por conta das calamidades naturais, por volta de refugiados dos países vizinhos no pós-luta armada, em determinadas regiões em torno de propriedades agrícolas abandonadas, onde a população foi concentrada sob a acção mobilizadora das estruturas do partido e do governo em ordem a uma recuperação imediata dessas unidades de produção, tendo surgido cooperativas e machambas estatais e, transformação de antigos aldeamentos da luta criados durante a luta armada em aldeias comunais (Relatório sobre o 1º seminário provincial sobre as aldeias comunais, documento final, pp.7-12). O caso do bairro ou aldeia PSK é o quarto.

<sup>15</sup> Filipe Samuel Magaia nasceu a 7 de Março de 1937, em Mucuba, na província central da Zambézia, e morreu em Outubro de 1966, enquanto exercia as funções de primeiro Chefe do Departamento de Defesa e Segurança da ala guerrilheira da FRELIMO, movimento que lutou pela libertação do país. <https://www.presidencia.gov.mz/por/Actualidade/Presidente-da-Republica-presta-homenagem-ao-Heroi-Nacional-Filipe-Samuel-Magaia>. Acesso a 15 de abril de 2021.

<sup>16</sup> Frente de Libertação de Moçambique que em 1977 se tornou partido Marxista-Leninista e governa o país desde a independência nacional em 1975.

ter rechaçado os ataques da guerrilha da RENAMO, não permitindo deste modo que o ocupassem e molestassem a população.

No segundo momento o povoamento teve como motivação a busca de segurança na PSK por parte das populações vizinhas, pois se estava em plena guerra civil que opunha o governo moçambicano à RENAMO. Igualmente nesse segundo momento, algumas populações vizinhas se refugiaram na PSK por conta de calamidades naturais. No terceiro momento cabe destacar a livre fixação de pessoas na PSK para ficarem próximo dos seus familiares ou parentes, assim como a busca de terras para a construção de habitações ou de cultivo. Este terceiro momento verifica-se até hoje e parece que irá perdurar por mais algum tempo, a menos que aconteça algo extraordinário que force a retirada ou a chegada de pessoas. Apesar de ser um momento de fixação livre, importa realçar que as pessoas que desejem viver ou obter um pedaço de terra para a prática agrícola devem ser conhecidas pelas lideranças do bairro, o que de certo modo mostra que existe um controlo das pessoas que entram, saem e que vivem no bairro.

Segundo os veteranos da luta armada de libertação nacional com os quais interagi durante o trabalho de campo, aquando da formação do bairro PSK em 1976<sup>17</sup>, a maioria dos moradores do bairro PSK eram Makonde. Actualmente os Makonde não são a maioria, assim como não o são os veteranos da luta de libertação nacional.

---

<sup>17</sup> O ano de formação do bairro PSK não é consensual. Alguns dos meus interlocutores disseram que o bairro foi formado em 1974, outros 1976 e outros ainda 1977, mas por uma questão de validade empírica considero como ano de formação do bairro 1976, pois me foi indicado pelos veteranos da luta armada que são os moradores-fundadores do bairro, assim como por algumas publicações da altura, como por exemplo a revista Tempo.

A revista Tempo, uma publicação semanal e a primeira revista de notícias ilustrada moçambicana, foi fundada por um grupo de jornalistas moçambicanos em 1970. Cada edição incluía uma capa e anúncios coloridos, várias fotos em preto e branco, artigos sobre assuntos da atualidade, desporto e cultura, assim como quadrinhos e editoriais. Apesar de sujeita à censura pelo regime colonial português e por isso seriamente restrita até o golpe de estado que derrubou o governo português em abril de 1974, a Tempo refletia uma nova perspectiva no seu comentário e procurava utilizar reportagens de investigação. A Tempo assumiu um papel importante na transição do governo colonial, oferecendo forte apoio à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). De fato, a revista Tempo tornou-se o principal periódico moçambicano divulgando os principais eventos políticos do país e de toda a região. Informação disponível em: <http://psimg.jstor.org/fsi/img/pdf/t0/10.5555/al.sff.document.ae000092.pdf>. Acesso a 15 de Novembro de 2022.

Vivem oito grupos etnolinguísticos, nomeadamente: os Makonde, os Nyanja, os Ajaua, os Nyungwe, os Sena, os Chopi, os Rhonga e os Changana. Cada um desses grupos levou os seus valores e práticas culturais, ajustando-as aos contextos e à dinâmica social que foi encontrando, o que explica a pertinência e sobrevivência das mesmas no decurso do tempo, apesar das diversas transformações sociopolíticas que o país vem atravessando.

Procurei perceber como é que esses grupos interagiam entre si. Inicialmente julguei que fosse encontrar registo de alguns conflitos entre certos grupos devido à suas diferenças culturais. Durante o trabalho de campo não encontrei esse tipo de conflito, mas conflitos que na perspectiva dos meus interlocutores não configuram desarmonia por razões étnicas, mas sim por conta de comportamentos de algumas pessoas. Por exemplo, durante o trabalho de campo, soube que alguns dançarinos de nyau<sup>18</sup>, dança dos Nyungwe (província central de Tete), quando embriagados batiam nas pessoas, inclusive nas pessoas do seu grupo etnolinguístico. Tal comportamento foi várias vezes atribuído ao consumo de álcool e drogas. Os meus interlocutores sempre insistiram que esse comportamento nada tinha a ver com o facto de eles serem Makonde e os outros Nyungwe. Para tentar melhorar o comportamento dos dançarinos, as pessoas mais velhas de Tete confiscaram os seus equipamentos de dança, pois tais maus comportamentos se manifestavam durante as exposições do nyau.

Apercebi-me que as pessoas dos diferentes grupos etnolinguísticos têm noção da sua diferença cultural e a respeitam. Isso ficou evidente numa entrevista que fiz aos veteranos da luta armada de libertação nacional (moradores-fundadores do bairro).

Aqui na zona onde estamos, não existe partilha de valores culturais. Cada grupo etnolinguístico possui os seus valores, modo de vida, entre outros aspectos que caracterizam o homem como ser cultural. Os de Tete por exemplo dançam o seu nyau. Eles se organizam noutra lugar e dançam. Nós também nos organizamos no nosso lugar e dançamos o nosso mapiko. Embora não haja partilha de valores culturais, socialmente vivemos sem problemas. Quando nos encontramos com um indivíduo que não pertence à nossa cultura convivemos sem problema. O segredo de tudo é respeitar a cultura do outro (entrevista com veteranos, 2020).

---

<sup>18</sup> O Nyau é praticado pelo povo Chewa, que se encontra radicado em três países da África Austral, nomeadamente, Moçambique, Malawi e Zâmbia. Em Moçambique esta expressão cultural tem maior concentração dos seus praticantes na Província Central de Tete (Manjate, 2014, p. 4).

## **5. O que é que faz do bairro PSK um etnoespaço Makonde?**

Conforme mencionei na secção anterior, os Makonde foram colocados pelo Estado pós-independente em várias partes do país, incluindo em zonas urbanas. Assim, eles foram viver em contextos socioculturais diferentes do seu e tiveram que se adaptar. Ao mesmo tempo que procuravam se adaptar, também transportavam consigo algumas práticas culturais do seu contexto de origem.

Alguns estudos como de Wirth (1938), Parsons (1968) e Parsons (1969), advogam que quando os indivíduos migram, sobretudo para as cidades, perdem a ligação com as suas práticas culturais e com os seus laços de solidariedade primários. Apesar de o bairro PSK não ser sob o ponto de vista geográfico ou espacial considerado um contexto urbano<sup>19</sup>, não deixa de apresentar algumas marcas de um espaço urbano, pois os seus moradores se movem entre o bairro, as cidades vizinhas (Boane, Matola e Maputo), nota-se algumas marcas daquilo que podem ser consideradas marcas da modernidade e constitui uma das áreas geográficas abrangidas pela municipalização. Nesse sentido e estando os Makonde longe da província de Cabo Delgado (sua zona de origem), poder-se-ia pensar que eles abandonariam as suas práticas culturais. Carmona (2009, p.51) refere que a fixação dos Makonde num território diferente não os impediu de abandonar as suas práticas socioculturais e formas de reprodução<sup>20</sup> étnica.

Alguma literatura como por exemplo Roseiro (2013) afirma que os Makonde são orgulhosos de si próprio, das suas raízes, tradições e cultura. Alguns dos seus rituais já não tem o rigor e a força de outrora, no entanto, continuam a ser uma oportunidade de socialização e um meio de ensinar os mais jovens a preservar e a recriar a cultura dos seus antepassados.

---

<sup>19</sup> Considero o bairro PSK um contexto periurbano. Entendo espaço periurbano como aquele que está próximo de áreas urbanizadas e que pode transformar-se em áreas urbanas. Esse entendimento deriva do facto de apesar de à primeira vista o bairro lembrar o contexto rural por se praticar nele a agricultura e esta constituir a principal actividade económica, ele está próximo da vila autárquica de Boane e faz parte do município.

<sup>20</sup> Carmona (2009) utiliza o termo reprodução, mas eu discordo do termo, pois ele remete à uma cópia fiel. Na minha perspectiva, os indivíduos ainda que recebam os mesmos ensinamentos ou socialização, apropriam-se e os implementam de modo diferenciado. Ademais, as práticas culturais vão sofrendo alterações em função do contexto em que são implementadas. Seguindo o ponto de vista de Helman (2003, p.13), considero que é preciso ter em atenção que a cultura não é a única influência que o indivíduo terá ao longo da sua vida. Factores individuais, educacionais, socioeconómicos ou ambientais podem influenciar no uso da cultura. Nesse sentido, proponho o termo construção étnica.

Segundo Pedro (2022, p.89), algumas práticas culturais Makonde como tatuagens, as escarificações, a mutilação dentária, o uso da *indona* (botoque) foram abandonadas, tendo sobrevivido aos tempos os ritos de iniciação e o *mapiko*. No bairro PSK constituem práticas culturais dos Makonde os ritos de iniciação e o *mapiko*. Segundo Dias (1970, p. 160), os ritos da puberdade não são só os mais importantes, mas representam a instituição central do povo Makonde à volta da qual tudo gravita. Na mesma linha de Dias, Israel (2006, p.110), afirma que os ritos de iniciação são a instituição cultural mais poderosa e através da qual se define pertença, afiliação e integridade do indivíduo entre os Makonde. O período de segregação por que passam rapazes e raparigas durante as cerimónias de iniciação destina-se à aprendizagem de um sem número de tradições culturais relativas a cada sexo. É um período de instrução e educação sistemáticas que serve de complemento àquilo que as crianças tinham aprendido até então pela observação, imitação e brincadeira (Dias, 1970, p.162). Na PSK, os ritos também desempenham a mesma função que as referidas nos dois parágrafos acima, como atestam os excertos abaixo:

Sem isso, elas não ficam integradas. Durante os ritos de iniciação, as comunidades Makonde se ajudam. Por isso não marcamos a entrada nos ritos na mesma data em todos os locais onde vivem Makonde. Isso permite nos ajudarmos a cozinhar, dançar e preparar a festa. Apesar de estarmos em locais diferentes, estamos sempre juntos. Estamos a valorizar a nossa tradição, valorizamos muito, é por isso que não acaba (entrevista com Alberto, 2018).

Onde existe Makonde sempre devem estar associados os ritos de iniciação, porque eles defendem uma teoria e dizem o seguinte: “se uma criança não é iniciada, essa criança não está em condições de enfrentar a sociedade. Então, só estará em condições de enfrentar a sociedade se ela passar ou entrar nos ritos de iniciação”. Os ritos de iniciação é que são fundamentais hoje em dia para definir o que é um Makonde, por isso diferencia-se dos outros grupos etnolinguísticos não em termos de tribalismo, mas em termos da cultura dos outros povos que vivem em Moçambique, que praticam esses ritos e que têm essas práticas (entrevista com Samuel, Maputo, 2014).

Durante o trabalho de campo participei várias vezes das cerimónias públicas de separação (entrada nos ritos) e reagregação (saída) dos ritos Makonde e nessas ocasiões vi pessoas de outros grupos etnolinguísticos da aldeia, assim como de outras partes da província e cidade de Maputo que iam assistir aos ritos porque tinham parentes/familiares envolvidos nos ritos, ou movidos por uma simples curiosidade de ir assistir aos ritos Makonde que são bastante famosos pela magnitude e celebração pomposa de que se revestem. Os ritos Makonde serem muito orientados para a

comunidade, o que faz com que seja honroso e prestigiante enviar os filhos aos ritos e, motivo de vergonha não o fazer (Osório & Macuácuca, 2013; Cossa, 2014).

As festas pomposas na entrada dos ritos servem para anunciar que certa família conseguiu levar aos filhos aos ritos, o que como já referi é honroso e fará granjear respeito por parte dos seus pares. Na saída dos ritos, também é feita uma festa em que os agora iniciados vestem a sua melhor roupa (adquirida para o efeito), pois representa o começo de uma nova vida após à sua integração no seu grupo etnolinguístico. Considero que é por conta do grande aparato que os ritos de iniciação mobilizam e envolvem que Osório & Macuácuca (2013, p.198) afirmam que são os próprios ritos que reforçam estes etnoespaços fora do lugar/província associado/ a origem dos Makonde, razão pela qual esses bairros são tidos como locais étnicos representativos, onde se realizam regularmente os ritos de iniciação com toda a pompa ritualística (por exemplo, danças como o mapiko).



Figura 1. Multidão acompanhando a procissão das *vali* pelo bairro na fase de separação-foto da autora, PSK, 2016.







Figura. 2 Multidão assistindo à dança das *vali* por ocasião da sua saída dos ritos de iniciação -foto da autora, PSK, 2020.

Laranjeira (2013, p.9), citando o laudo do Departamento de Patrimônio Cultural do Ministério da Cultura na província de Cabo Delgado sobre o mapiko destaca que este estava presente de maneira intensa na actividade cultural das aldeias Makonde. Laranjeira realça ainda que o mapiko também é apresentado nas festas de casamento, aniversários, feriados nacionais, dentre outras ocasiões como os ritos de iniciação. Durante a minha pesquisa assisti a várias performances de mapiko e notei que eram executadas como uma forma de os Makonde que vivem no bairro não se esquecerem da sua cultura, uma vez que estão longe da sua terra de origem, igualmente para que os seus filhos e netos nascidos na PSK o conheçam, como um mecanismo de afirmação e diferenciação étnica. Paolo Israel (2014) que tem feito muita pesquisa sobre o mapiko e sobre a identidade Makonde, tem mostrado do que mais do que servir para a afirmação identitária, o mapiko tem conseguido permanecer e cimentar a sua importância por conseguir estar em sintonia com os tempos.

Durante a minha pesquisa assisti a várias performances de mapiko e notei que eram executadas como uma forma de os Makonde que vivem no bairro não se esquecerem da sua cultura, uma vez que estão longe da sua terra de origem, igualmente para que os seus filhos e netos nascidos na PSK o conheçam, como um mecanismo de afirmação e diferenciação étnica. Quando perguntei a alguns membros do grupo de Mapiko da PSK sobre a importância da execução da dança na aldeia, eles referiram o seguinte:

Mapiko é a nossa cultura. Se não dançarmos vai desaparecer (entrevista com Félix, 2016).

Relativamente ao mapiko ser um mecanismo de afirmação e diferenciação étnica, Israel (2005, p.1) refere que o mapiko não é apenas um ritual fechado de autoafirmação étnica, mas pelo contrário, é um poderoso instrumento de crítica cultural, muitas vezes dedicado à representação da alteridade. Apesar de concordar com Israel, os dados da minha pesquisa, assim como os da pesquisa de Muendane (2014) no bairro PSK, sugerem que os meus interlocutores ao dizerem que praticam o mapiko para não se esquecerem da sua cultura, mostram que o utilizam como um marcador de autoafirmação e diferenciação étnica. As canções entoadas mostram por um lado que de certa forma os Makonde na PSK possuem no seu repertório canções que também são entoadas em Cabo Delgado, o que remete à exaltação da identidade Makonde. Apesar de grande parte do repertório

exaltar a identidade e a terra de origem, o mapiko como diz Israel (2014) está em sintonia com os tempos, pois a escolha das canções que são entoadas também depende em larga medida do local onde será feita a actuação. Por exemplo, nas actuações no bairro, o grupo tem mais tempo para o efeito, do que quando vai actuar num outro local, como por exemplo no Município de Boane. A flexibilidade que se verifica no manuseamento das coreografias também se verifica no traje que é utilizado pelo *lipiko*, em função da ocasião e da audiência. O traje do quotidiano é diferente do que usa noutras ocasiões.



Figura 3. Dançarino de mapiko ladeado de jovens e crianças durante uma performance- foto da autora, PSK, 2015.

Notei que à semelhança dos ritos de iniciação que movimentam muitas pessoas, quando o mapiko é executado também há muitas pessoas, incluindo transeuntes a assistir e a vibrar com a performance. Mesmo sem entenderem o que está sendo dito em Shimakonde<sup>21</sup>, o ritmo, a

---

<sup>21</sup> Língua dos Makonde.

performance e a caracterização do *lipiko* (bailarino mascarado) conseguem captar atenção e atrair várias pessoas ao local. Quase ninguém fica indiferente às danças e cânticos entoados durante as cerimónias de ritos de iniciação.

Para além de o *mapiko* e os ritos de iniciação permitirem a ligação dos Makonde de 1ª geração com a terra de origem, estes permitem que os Makonde de 2ª geração tenham uma conexão com os valores culturais da sua ancestralidade. Outrossim, os ritos e o *mapiko* transformam a paisagem sociocultural e a forma como o bairro é visto pelas pessoas que vivem noutros locais. Antes de fazer a visita exploratória ao bairro PSK e de iniciar o trabalho de campo, ouvi dizer que o bairro tinha a alcunha de *Makondene*<sup>22</sup>, pois, dizia-se que apenas os Makonde lá residiam. Esta alcunha tem uma razão de ser, pois, apesar de os Makonde partilharem o bairro com pessoas de outras etnias<sup>23</sup>, destacam-se e orgulham-se das suas práticas culturais. Durante a pesquisa assisti à uma das cerimónias de saída dos iniciados dos ritos e um senhor makonde virou para mim e disse: “você está a escrever sobre os Makonde. Venha ver de perto para escrever bem sobre a nossa tradição”. Esse apelo pareceu-me um convite para ver como eles exultavam de alegria porque viam factos que os lembram da sua zona de origem e das suas tradições. Apesar de existirem no bairro outras etnias, durante a minha experiência de campo constatei que os Makonde tendem a ser mais expressivos e a visibilizarem mais as suas práticas culturais.

Como Colson (2003, p.1) afirma, o deslocamento não afecta apenas aos desenraizados<sup>24</sup>, mas também as comunidades que sentem o impacto de sua chegada. A pomposidade e a notoriedade dos ritos de iniciação no bairro PSK gera um sentido de pertença e de apropriação da prática entre as pessoas de outras etnias. Debruçando-se acerca dos ganhos da multietnicidade, Meneses (2020, p.81) refere que à medida que as populações se deslocam, à medida que os grupos se misturam, a medida que se desenvolvem trocas comerciais, ocorrem, por um lado, integrações políticas e, por outro, ocorre igualmente o transporte, a partilha, a interacção, a simbiose, e quiçá, choques de

---

<sup>22</sup> Ainda hoje apesar de os Makonde já não serem a maioria, (pois como afirmei na secção sobre a formação do bairro, civis e antigos combatentes habitam e convivem no mesmo espaço), o bairro ainda tem essa alcunha.

<sup>23</sup> Para além dos Makonde, vivem na PSK outras 7 etnias, nomeadamente: Nyanja, Ajaua, Nyungwe, Rhonga, Changana, Chopi e Sena.

<sup>24</sup> Neste caso seriam os Makonde que estão longe da terra de origem.

experiências, modos de vida, crenças, hábitos, em suma de culturas. Partindo dessa perspectiva avançada por Meneses, considero que os ritos constituem um campo de interação e manifestação de solidariedade entre os Makonde e os seus vizinhos. Durante a pesquisa reparei que mulheres de outras etnias se encontravam na casa onde as *vali*<sup>25</sup> estavam confinadas durante os ritos a ajudarem a cozinhar, assim como a desempenhar outras tarefas para o sucesso da cerimónia.

## **6. Conclusão**

Este artigo visou examinar como é que o bairro PSK situado no distrito e município de Boane no sul de Moçambique tornou-se um etnoespaço Makonde, visto este grupo etnolinguístico ser oriundo do norte de Moçambique e convive no mesmo espaço com pessoas de outras etnias. Existe uma relação entre as directivas instituídas pelo Governo no pós-independência, a formação do bairro PSK e a chegada dos Makonde ao bairro.

Algumas práticas culturais Makonde foram descontinuadas, permanecendo e estando em sintonia com os tempos os ritos de iniciação e o mapiko. No bairro PSK, os Makonde praticam os ritos de iniciação e o mapiko, pese embora tenham que adaptá-los a um contexto diferente do seu.

Visto os Makonde serem orgulhosos das suas práticas culturais e a sua socialização ser muito virada à comunidade, os ritos, assim como as performances de mapiko, constituem um período de grande festa, pomposidade e de assistência por muitas pessoas, mesmo as que não são do seu grupo etnolinguístico. O que faz do bairro um etnoespaço Makonde não é o facto de eles viverem lá, mas sim o facto de as suas práticas serem já consideradas uma marca daquele espaço, na medida em que as pessoas do bairro, independentemente da sua etnia já sabem quando é que ocorrem os ritos, as performances de Mapiko e participarem dos momentos que são permitidos a qualquer pessoa assistir. As práticas culturais dos Makonde fazem parte da paisagem sociocultural do bairro e influenciam na forma como ele é conhecido e visto pelas pessoas dentro e fora do bairro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

<sup>25</sup> *Mwali* (pl. *vali*) – menina ou menino que passa por vários ritos de passagem, frequentemente ligados ao crescimento sexual e onde são divulgados os segredos de género relativos às máscaras e à iniciação.

- AMSELLE, J.L & M'Bokolo, E. (Coord.). (2014). *Pelos Meandros da Etnia: etnias, tribalismo e Estado em África*. Luanda: Edições Pedagogo.
- APPADURAI, A. (1990). Disjuncture and difference in global cultural economy". *Theory, Culture & Society*, vol.7, pp. 295-310.
- ARNFRED, S. (2015). Notas sobre género e modernização em Moçambique. *Cadernos Pagu*, 45, pp. 181-224.
- BALATON-CHRIMES, S. (2015). *Ethnicity, Democracy and Citizenship in Africa: Political marginalisation of Kenya's Nubians*. Farnham, London: Ashgate, Aldershot.
- BARTH, F. (1969). Introduction. In *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. In: BARTH, F.(Ed.). *Ethnic Groups and Boundaries, the social organization of culture difference*, pp.9-38. Oslo: Scandinavian University Books.
- BASHAM, R. (1978). Rural-Urban Migration and the growth of cities. In: *Urban Anthropology. The Cross-Cultural Study of Complex Societies*. Mayfield: Publishing Company.
- BRUBAKER, R. (2002). Ethnicity without Groups. *Arch. europ. Sociol.*, XLIII, 2, pp. 163-189.
- CARMONA, C. (2009). A constituição de etnoespaços Makonde na cidade de Nampula. SL/SE. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-constituicao-de-etno-espacos-makonde-na-cidade-de-nampula>
- COHEN, A. (1994). *Self-consciousness: an alternative anthropology of identity*. London: Routledge.
- COLSON, E. (2003). Forced migration and the anthropological response. *Journal of Refugee Studies* vol. 16, n. 1.
- COSSA, S. N. (2014). *Corpos ubíquos: estudo etnográfico sobre a construção social dos corpos em Moçambique*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul
- DIAS, J. & DIAS, M. (1970). *Os Macondes de Moçambique III: vida social e ritual*. Lisboa: Junta Investigações do Ultramar, Centro de Estudos de Antropologia Cultural.
- DIAS, J. (1998). *Os Macondes de Moçambique: aspectos históricos e económicos* (Vol. I). Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical e Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

- DOVE, R, DAVA, F, MUDENDER, A & MALIMUSSE, L. (2015). *Vida e obra de Paulo Samuel Kankhomba*. Maputo: ARPAC.
- ERIKSEN, T. (2001). Ethnic identity, national identity and intergroup conflict. In: ASHMORE, R; JUSSI, L & DAVID, W. (Eds.) *Social identity, intergroup conflict and conflict reduction*. Oxford: Oxford University Press.
- GOFFMAN, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Santa Maria da Feira: Relógio d'Água.
- HELLMAN, C. (2003). A abrangência da antropologia médica. In: *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre: Artes médicas (2ª edição), pp. 21-24.
- HOBBSAWM, E & RANGER, T (Orgs.). (1997). *A invenção das Tradições* (6ª edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ISRAEL, P. (2006). Kummawangela Guebuza: the Mozambican general elections of 2004 in Muidumbe and the roots of the loyalty of Makonde people to FRELIMO. *Revue lusotopie* 13.2, pp. 103-125.
- ISRAEL, P. (2014). *In step with the times. Mapiko masquerades of Mozambique*. Ohio: Ohio University Press.
- KEESE, A (Ed.). (2010). *Ethnicity and long-term perspective: the African experience*. Bern: Peter Lang AG, International Academic Publishers.
- LARANJEIRA, L. (2013). Os Maconde em Maputo: interações históricas entre arte, cultura e política. *XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social*. Natal-RN, 22 a 26 de Julho de 2013.
- LENTZ, C. (1995). Tribalism and ethnicity in Africa: a review of four decades of anglophone research. *Cah. Sci. hum.* 31(2), pp. 303-328.
- LENTZ, C. (2000). Colonial constructions and African initiatives: the history of ethnicity in northwestern Ghana. *Ethnos*, vol. 65: I, pp. 107-136.
- LINNEKIN, J. & POYER, L. (Eds.) (1990). *Cultural Identity and Ethnicity in the Pacific*. Honolulu. Hawaii: University of Hawaii.
- MANJATE, F. (2014). *Nyau-Gule Wamkulu: património oral e imaterial da humanidade*. Maputo: ARPAC.



- MENESES, I. (2020). *A cidade da Beira e o diálogo cultural de suas gentes* (2ª edição). Maputo: Ciedima.
- MUENDANE, A. (2014). *Desafios da dança mapiko face à globalização cultural: o caso do grupo PSK de Boane*. Tese de licenciatura. Maputo: Instituto Superior de Artes e Cultura.
- NDLOVU-GATSHENI, S. (2008). For the nation to live, the tribe must die: the politics of Ndebele identity and belonging in Zimbabwe. In: BAHRU ZWEDE (Ed.). *Society, State and Identity in African History*. Addis Ababa: Forum for Social Studies, pp. 167-200.
- OSÓRIO, C & MACUÁCUA, E. (2013). *Os ritos de iniciação no contexto actual: ajustamentos, rupturas e confrontos-construindo identidades de género*. Maputo: WLSA.
- PARSONS, T. (1968). *La estructura de acción social*. Madrid: Guadarrama.
- PARSONS, T. (1969). *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira.
- PEDRO, V. (2022). *Somos moçambicanos, mas antes Makonde: dinâmicas de etnicidade e identidade nacional no bairro PSK, distrito de Boane, sul de Moçambique*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- ROSEIRO, A. (2013). *Símbolos e práticas culturais dos Makonde*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- SALAZAR, N. (2010). Towards an anthropology of cultural mobilities. *Journal of Migration and Culture*, vol.1.
- SOKEFELD, M. (1999). Debating self, identity and culture in Anthropology. *Current Anthropology*, vol. 40, n. 4, pp. 417-447.
- WEST, H. (2004). Villains, victims or makonde in the making? Reading the explorer Henry O'Neill and listening to the headman Lishehe. *Ethnohistory*, 51: I.
- WIMMER, A. (2008). The making and the unmaking of ethnic boundaries: a multilevel process theory. *AJS*. Vol. 113 (4), pp. 970-1022.
- WIRTH, L. (1938). Urbanism as a way of life. *American Journal of Sociology*, vol. 44, no. 1, pp. 1-24.

\* Docente na Faculdade de Estudos da Cultura do Instituto Superior de Artes e Cultura e na Faculdade de Ciências Económicas e Sociais da Universidade Técnica de Moçambique. Contacto: vaniamanuel.pedro@gmail.com